



GT - 03

3. MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT: UMA LEITURA CRÍTICA

*Gabriel de Oliveira Rodrigues**

Resumo

Em janeiro de 2010, por ocasião da realização da V Conferência Regional da ILGA-LAC, na cidade de Curitiba, foi lançado o Manual de Comunicação LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), voltado para profissionais, estudantes e professores da área de Comunicação. O manual tem o objetivo de reduzir o uso inadequado e preconceituoso de termos que afetam a cidadania e a dignidade de indivíduos LGBT no Brasil. O presente trabalho apresenta uma leitura crítica sobre a relevância da comunicação no movimento social, especialmente neste momento oportuno em que a mídia põe em evidência a temática LGBT em *reality shows* e na teledramaturgia, tornando-se lugar da diversidade, e não da unidade.

Palavras-chave: Manual de Comunicação LGBT; crítica; movimento social; mídia; diversidade.

Abstract

In January of 2010, during the 5th ILGA-LAC Regional Conference in the city of Curitiba, it was released the “Manual de Comunicação LGBT” (lesbians, gays, bisexuals, transvestites and transexuals), elaborated to professionals, students and professors of the Communication area. The manual has the aim to reduce the inappropriate use of terms that attack LGBT’s citizenship and dignity in Brazil. The present paper makes a critical review about the importance of communication in the social movement, especially in a moment when the media shows up LGBT themes in its program schedule, making itself a place of diversity, not unity.

Keywords: Manual de Comunicação LGBT, critical review, social movement, media, diversity.

* Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisador do GT Mídia, Estética e Homocultura do Programa de Estudos da Diversidade (Homo)Sexual (PEDHS) da USP, professor da Universidade do Grande ABC (UniABC) e militante social sindicalista e LGBT.



Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

De 27 a 30 de janeiro de 2010, realizou-se na cidade de Curitiba a V Conferência Regional da ILGA-LAC (Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Trans e Intersex, região da América Latina e do Caribe), com o objetivo de definir estratégias de promoção dos direitos humanos, da cidadania, da saúde e da cultura de seu público-alvo na sua região de abrangência para o biênio 2010-2012, e para a eleição de secretários regionais e sub-regionais da ILGA.

A conferência foi precedida por uma série de eventos temáticos ligados aos interesses dos participantes, dentre eles o “Encontro Mídia e LGBTI”, que contou com várias mesas de debates para a discussão dos papéis da mídia com relação à população LGBTI. Como evento final desta pré-conferência, houve o lançamento oficial do Manual de Comunicação LGBT.

Segundo sua própria apresentação, o manual “é voltado para profissionais, estudantes e professores da área de comunicação” e tem como objetivo “reduzir o uso inadequado e preconceituoso de terminologias que afetam a cidadania e a dignidade de 20 milhões de LGBT no país, seus familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho”¹.

Realizada pela Associação Brasi-

leira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a obra, de 48 páginas, se subdivide em 12 tópicos: sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero, atitude social, homofobia, AIDS, política e militância, união estável e família, religião, datas, símbolos do Movimento LGBT e, para concluir, a ABGLT. Ao longo de suas páginas, o manual traz contextualizações históricas, científicas e sociais acerca de cada um dos tópicos, bem como dezenas de verbetes correlacionados aos respectivos temas, seus conceitos e usos, indicando, ainda, sua [in]adequação.

A importância do uso adequado de termos e expressões acerca de grupos sociais perante uma sociedade contemporânea profundamente fragmentada e liquefeita em seu “*modus vivendi*”² faz-se mister, e ainda mais quando tal uso relaciona-se a uma população historicamente marginalizada, caso dos LGBT.

Ainda de acordo com o manual, utilizar certas expressões carregadas de preconceito, “além de errado, pode ser ilegal e/ou prejudicar a honra e dignidade de milhões de pessoas e seus familiares” e, por substituir tais expressões por outras, consideradas politicamente corretas, “os profissionais de comunicação estão colocando sua responsabilidade social e seu profissionalismo acima dos preconceitos sociais”³, exercendo, assim, um papel positivo na formação cultural





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

brasileira, no sentido de informar bem a todos os cidadãos.

Propostas de caminhos para a diminuição do preconceito

A estigmatização social ocorre quando é exercida coletivamente uma forte desaprovação de características e/ou crenças pessoais que vão contra as normas estabelecidas por uma maioria em exercício de poder.

No caso da população LGBT, a vivência da sua própria sexualidade a caracteriza como uma minoria em meio a uma cultura, de raízes judaico-cristãs, centrada no discurso da prática heterossexual como padrão. Neste sentido, os indivíduos LGBT ocupam socialmente uma posição paralela à dos “outsiders” analisados por Norbert Elias e John Scotson⁴.

Mencionando o exemplo da comunidade britânica de Winston Parva – onde havia uma divisão entre famílias que havia gerações povoavam o local e ditavam as normas sociais (os estabelecidos) e os forasteiros que se chegavam à comunidade como novos habitantes (os “outsiders”) –, os autores analisaram uma série de relações estabelecidas socialmente naquele povoado, observáveis no cotidiano de qualquer comunidade ocidental dos dias de hoje.

Elias e Scotson enfatizaram a distância mantida entre os grupos em Winston Parva, pois “o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores e excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional”⁵. A utilização de certos termos servia de controle social por parte dos estabelecidos, estigmatizando e marginalizando os “outsiders”.

Para aplicação neste trabalho, os estabelecidos (a maioria heterossexual de componentes da sociedade) impõem marcas aos “outsiders” (a minoria LGBT), utilizando-se de várias armas no exercício deste processo, dentre elas a linguagem. A criação e fixação de figuras, situações, termos e expressões estereotipados para representar, no imaginário coletivo, a população LGBT perante a sociedade colaboram para a manutenção do distanciamento entre os grupos sociais e, portanto, das posições distintas por eles ocupadas no sistema.

A utilização destes estereótipos de forma pejorativa, especialmente quando o tom do discurso envolve o humor sarcástico destrutivo e a frequente exposição deste molde pela mídia ao público, enraíza o comportamento depreciativo para com os LGBT, servindo de instrumento para a criminosa prática do preconceito.

Com esse cenário em mente, e por entender que a mídia exerce um pa-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

pel fundamental na formação e fixação de valores culturais do nosso povo, e na transformação social que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas, os realizadores lançaram o Manual de Comunicação LGBT. O intuito da iniciativa é o de criar ferramentas para incentivar novos enfoques na cobertura de temas LGBT, de incentivar a cobertura de tais temas nas mais variadas editoriais que compõem os veículos de comunicação (e não apenas em páginas policiais) e o uso de imagens positivas e criativas, capazes de resguardar a dignidade dessa população, e de minimizar o enfoque preconceituoso contra esses indivíduos em situações adversas.

Desta forma, segundo o próprio manual, seria possível “fortalecer o desenvolvimento humano baseado no respeito à diversidade religiosa, cultural, sexual, racial, étnica, humana, capazes de ajudar a construir um mundo de paz e respeito a todas as pessoas”⁶, resultando tal iniciativa em reflexos nos mais amplos e diversos campos sociais onde os estigmas agem, criam barreiras e servem de ferramenta ao desrespeito e ao processo de desumanização daqueles que não seguem determinadas normas socialmente convencionadas.

As primeiras reações

Na edição do domingo, dia 28 de

fevereiro de 2010, o jornal Folha de São Paulo, em seu caderno Cotidiano, publicou uma matéria intitulada “Nova onda do politicamente correto invade o mundo gay”⁷, para apresentar o Manual de Comunicação LGBT a seus leitores.

A matéria, para além de informar acerca do lançamento da obra, claramente posiciona-se quanto à legitimidade da iniciativa.

Ainda na parte introdutória do texto, está escrito que “o compêndio proíbe termos consagrados pelo uso”⁸. Ao longo do texto, alguns exemplos são dados de forma isolada, praticamente sem contextualização. Um total de oito posicionamentos a respeito do tema são explicitados: quatro favoráveis à iniciativa, e outros quatro contrários. Nestes pronunciaram-se duas travestis (no texto com o substantivo empregado no masculino, contrariando orientação do manual), um psiquiatra e sexólogo e um professor de linguística. Do lado favorável, manifestaram-se um estilista, o presidente da ABGLT, o coordenador da Parada LGBT de São Paulo e uma vencedora de concurso de miss gay.

Para fechar a matéria, uma frase em tom de conselho: “Não é difícil de imaginar a resposta que Chacrinha daria a quem contestasse a modinha ‘Maria Sapatão’. Quem não se comunica se trumbica”⁹, dando a entender que as





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

propostas contidas no manual, por indicarem mudanças para o uso de determinadas expressões na linguagem, causariam muitos ruídos na comunicação.

Primeiramente, em nenhum momento o Manual de Comunicação LGBT coloca-se como possuidor do poder de proibir ou permitir o uso de determinados termos pela mídia. Antes, a obra expõe como seu objetivo “criar uma ferramenta *capaz de auxiliar* a cobertura jornalística com relação às temáticas LGBT”¹⁰, o que incluiria a matéria supracitada.

E, justamente por esse teor de “auxílio”, o manual propõe, por meio da adequação na utilização de certos termos por parte dos meios de comunicação, o estabelecimento de novas expressões a serem consagradas pelo uso, a começar pela própria mídia, cujo poder na formação cultural da população é reconhecido pelo manual, conforme já mencionado no presente trabalho. A partir do momento em que uma palavra ou expressão (da ordem do simbólico) encontra seu correspondente específico de conteúdo na visão de mundo de uma sociedade (imaginário coletivo), especialmente quando influenciado pela mídia, seu uso passa a ser legitimamente consagrado sem comprometer o processo¹¹ de comunicação¹².

Um momento de evidência

É inegável a ocorrência de um fenômeno na mídia nacional de uma forma geral, acentuadamente ao longo da primeira década dos anos 2000: o aumento da visibilidade da população LGBT. Nestes últimos tempos tem havido certa constância na presença de personagens LGBT na teledramaturgia, um verdadeiro termômetro dos aspectos culturais vigentes na sociedade brasileira.

A participação de LGBT assumidos como protagonistas em “reality shows” das mais variadas naturezas (saliendo-se, aqui, a vitória de um gay em um desses programas por votação popular em 2005, e a escolha de pelo menos três participantes declarados publicamente homossexuais no mesmo programa em 2010, na maior rede do país e em horário nobre) também colabora para que estes e outros espaços venham sendo ocupados por essa população, concedendo-a uma visibilidade midiática jamais vivida no Brasil.

É neste contexto totalmente oportuno, em que a mídia dá visibilidade e, ao mesmo tempo, discute a questão LGBT, tratando de aspectos do seu cotidiano e também todos os preconceitos, privações e violências sociais que essa população enfrenta, que há o lançamento de um manual que pretende indicar caminhos para os próprios meios de comunicação





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

tratarem de forma mais humana, digna e cidadã os indivíduos LGBT e os assuntos a eles relacionados.

A práxis midiática no Brasil hoje deixa de ser o “lugar da unidade”, pregando um padrão único de vivência da sexualidade, e passa a ocupar no discurso uma posição de “lugar da diversidade”, cedendo espaço (e concedendo visibilidade) a um outro tom de voz, um dissonante da normatividade heterossexual vigente na sociedade.

Mas, a abertura de espaço e consequente concessão de maior visibilidade não são diretamente o significado da conquista de um tratamento mais justo, mais digno, mais humano à população LGBT. A simples exposição de indivíduos, como uma espetacularização da vida privada¹³, não garante que eles tenham acesso ao pleno exercício da cidadania no seu cotidiano, inclusive ao direito de serem respeitados. Mas, em contrapartida, pode garantir bons níveis de audiência ao veículo de comunicação que efetua tal exposição.

O movimento social em ação

A sociedade civil organizada, o movimento social em defesa dos Direitos Humanos, e em especial dos Direitos de LGBT, que trata diariamente de casos criminosos de desrespeito contra essa população, respondeu a uma convocação

feita pelo poder público e, de prontidão, elaborou e apresentou o Manual de Comunicação LGBT como proposta de novas práticas para romper com velhos paradigmas causadores de estigmatização.

A obra surge como resposta ao previsto no relatório final da 1ª Conferência Nacional de Comunicação, realizada em 2009 pelo Ministério das Comunicações. Dentre seus parâmetros, no eixo temático “Cidadania: Direitos e Deveres”, sob o código 422 e o tema “participação social na comunicação”, consta a seguinte proposta aprovada:

“Instituir diretrizes e princípios normatizadores que assegurem a qualidade das produções midiáticas de modo que as imagens, textos e sons abstenham-se de promoção de preconceitos, humilhações e discriminações homofóbicas, racistas, étnicas, de gênero, de geração, de crianças, de intolerância religiosa, criminalização prévia e de violação dos direitos humanos. A definição dessas diretrizes e os mecanismos de fiscalização devem assegurar a participação da sociedade civil”¹⁴.

Assim, o Manual de Comunicação LGBT é lançado em respeito a uma necessidade reconhecida, e cujo suprimento de demanda é respaldado e apoiado pelo poder público estabelecido. É a sociedade civil organizada, em forma de movimento social, participando na construção de um Estado Democrático de Direito mais pleno.





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

Conclusão

O lançamento do Manual de Comunicação LGBT certamente não é a solução para o grave (e até mesmo cultural) problema da homofobia: ações de violência sofridas e vivenciadas nos mais diferentes níveis pela população LGBT no Brasil. Mas a obra propõe um novo olhar, uma nova metodologia para que os meios de comunicações tratem dos assuntos ligados a esses indivíduos, com o intuito de iniciar um longo processo de conquista de direitos que são legítimos, pois humanos.

A formação de uma cultura de respeito às diferenças das mais variadas naturezas, e de convivência pacífica e civilizada entre todos, pode começar pelo uso adequado e não-estigmatizante de termos e expressões para se referir a uma minoria no meio social. A mídia pode exercer um papel único e fundamental nesse processo, basta passar a tratar de forma mais correta e padronizada a parcela da população para a qual hoje ela começa a abrir espaço.



Referências bibliográficas

Primeira Conferência Nacional e Comunicação. *Caderno de propostas*

aprovadas. Brasília: Ministério das Comunicações, 2009. Disponível em: http://www.confecom.com.br/down/propostas/relatorio_aprovada_completo.pdf. Acesso em 10 mar. 2010.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros. *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba, 2010, 48 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GALVÃO, V. Q. *Nova onda do politicamente correto invade o mundo gay*. Folha de São Paulo: São Paulo, 28 de fev. 2010. Folha Cotidiano, p. 4.

LACAN, Jacques. *Seminário 22, R.S.I. Inédito (CDROM – Obra de Jacques Lacan [Sólo lectura])*, 1975.

Notas

¹ ABGLT, *Manual de Comunicação LGBT*, p. 5.

² Zygmunt Bauman, *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

³ ABGLT, *Manual de Comunicação LGBT*, p. 7.





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

⁴ Norbert Elias & John Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

⁵ *Op. cit.*, p. 20.

⁶ ABGLT, *Manual de Comunicação LGBT*, p. 8.

⁷ GALVÃO, V. Q. *Nova onda do politicamente correto invade o mundo gay*. São Paulo: Folha de São Paulo, 28 de fev. 2010. Folha Cotidiano, p. 4.

⁸ *Idem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ ABGLT, *Manual de Comunicação LGBT*, p. 5, grifo meu.

¹¹ Jacques Lacan, *Seminário 22, R.S.I. Inédito* (CDROM – *Obra de Jacques Lacan [Sólo lectura]*).

¹² Cornelius Castoriadis. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

¹³ Guy Debord. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 1997.

¹⁴ 1ª Conferência Nacional de Comunicação. *Caderno de propostas aprovadas*. Brasília: Ministério das Comunicações, 2009, p. 211. Disponível em: http://www.confecom.com.br/down/propostas/relatorio_aprovada_completo.pdf. Acesso em 10 mar. 2010.

